

RIOBALDO PACTÁRIO: liberdade e predestinação

Tiago Ribeiro NUNES*

*“Remanso de rio largo...
Deus ou o demo, no sertão...”*
(Guimarães Rosa)

*“Para onde vão os trens meu pai?
para Mahal, Tamí, para Camirí, espaços
no mapa, e depois o pai ria: também
para lugar algum meu filho, tu podes
ir e ainda que se mova o trem
tu não te moves de tí”*
(Hilda Hilst)

Este é o bordão da história: “... *o Diabo na rua no meio do redemunho...*”. A história erguida em torno desse bordão é velha conhecida do público brasileiro e, desde o aparecimento da sua primeira edição, em 1956, vem se destacando como uma das realizações mais bem sucedidas da literatura de nosso país: o *Grande sertão: veredas*¹ de João Guimarães Rosa. Vamos relembra-la rapidamente: o ex-jagunço Riobaldo, por ocasião da visita de um viajante proveniente da cidade, decide relatar-lhe os principais episódios de sua jornada passada no interior do sertão. Sempre impregnada pela sombria figura d’*O cujo*, a fala de Riobaldo revela ao seu interlocutor, a cada novo lance da narrativa, a trama dos encontros e das fugas que decidiram a sua sorte. Atormentado pela constante presença do demo é que ele narra o inesquecível encontro com o Menino às margens do rio de-Janeiro (sítio onde o protagonista-narrador, quando criança, tirava esmola para o santo); o encontro com as letras e com o mestre Lucas no Curralinho; o deparar surpreendente com a força dos jagunços na fazenda de Selorico Mendes; a terrível visão do corpo morto de sua amada Maria Deodorina; além de uma multidão de outros episódios. Narrando a seqüência de seus encontros e suas muitas fugas, Riobaldo revela como ele

* Psicanalista. Mestre em Letras e Linguística pela UFG. Professor Assistente do Departamento de Psicologia da UFG/CAC. E-mail: ribeiro.nunes@gmail.com

¹ Doravante nos referiremos ao *Grande sertão: veredas* pela sigla GSV.

acredita ter sido enredado pelo destino: pois é fugindo da presença dos jagunços na fazenda de Selorico Mendes (de quem Riobaldo é filho bastardo) que ele encontra pela segunda vez o Reinaldo, o Menino já crescido e feito jagunço, selando definitivamente sua sorte por meio do seu vínculo com o cangaço. O inesquecível encontro da infância, o encontro com o corajoso Menino que ousou atravessar o São Francisco em uma frágil canoa *afundante*, se repetirá na idade adulta: fugindo da jagunçagem, Riobaldo (re)encontra-o já adulto e decide acompanhá-lo em sua empresa guerreira. Embrenhado no sertão à caça do Hermógenes e do Ricardão, assassinos do grande chefe Joca Ramiro (pai do Reinaldo, isto é, Diadorim), e inteiramente consumido pelo inexplicável sentimento que o liga ao seu igual companheiro em armas, é que Riobaldo tratará o incerto pacto com o diabo no lugar que ele acreditava serem as *Veredas-Mortas*.

Apesar de incerto, pois parece estar muito mais ligado ao estado subjetivo de Riobaldo do que propriamente a elementos reais ou a manifestações concretas, o pacto suposto muda radicalmente a postura de Riobaldo. É somente depois de se tornar *pactário* (tal como o felão Hermógenes) que ele se acha em condições de assumir a chefia do bando; é do pacto que ele retira coragem e poder para executar grandes e fantásticas empreitas que nem mesmo os maiores dentre os chefes-jagunços foram capazes de realizar. Mas em contraste com suas grandes realizações pessoais, Riobaldo assiste impotente ao combate derradeiro no *Paredão*, entre Hermógenes e Diadorim, que resulta na morte de ambos. Morrem os *judas* (Ricardão e Hermógenes), mas morre também Diadorim, que morto e desnudo se revela, para o desespero ainda maior do protagonista-narrador, a bela Maria Deodorina, donzela e guerreira. No instante dessa terrível constatação Riobaldo entrevê uma possibilidade de conexão entre o pacto e a morte de Diadorim, e é para exorcizar definitivamente a presença do demônio de sua vida que ele resolve relatar sua história ao interlocutor culto e urbano, na esperança de que ele, do alto de sua

boa instrução, “soberano, circunspecto”, seja capaz de confirmar-lhe de uma vez por todas que *o cujo não há*.

Analisando os elementos que compõem o enredo dessa grande obra surpreende à primeira vista sua aparente simplicidade. Simplicidade expressa em seu conflito central: um ex-jagunço, Riobaldo, que narrando a um hóspede os caminhos através dos quais ele foi conduzido em suas aventuras pelo sertão, passa em revista os encontros que marcaram sua vida, as escolhas que fecharam o seu destino etc. Entretanto, apesar da simplicidade dos motivos que a norteiam, a história se revela mais complexa a cada novo episódio. Complexidade que vai ganhando corpo na mesma medida em que vemos multiplicarem-se pelo texto as referências ao diabo: elemento ambíguo girando enlouquecidamente no interior do redemoinho. Presença constante e ambígua que ajuda a trazer para o primeiro plano da narrativa do ex-jagunço Riobaldo uma tensão permanente entre a liberdade de escolha e a predestinação.

Obcecado pelo pacto que ele fez e não fez com o *Cujo* Riobaldo tentará rastrear a participação diabólica na realização de sua tragédia pessoal. Atormentado pelo pacto é que ele narrará seus momentos passados no sertão a fim de confirmar se sua vida seguiu um curso livre ou se ela foi encaminhada pelo destino à revelia de sua própria vontade.

O *Cujo*: negatividade e vontade alienada

O diabo é o signo do caos que vigora dentro e fora do homem, nele estão fundidas as tensões da alma e os mistérios inexplicáveis do sertão. Sob seu signo maligno, tudo tende ao estado desregulado e fora-da-lei. No território ilimitado do sertão, o demônio não apenas subverte a ordem do mundo, mas, por meio de suas muitas astúcias, transpõe toda a instabilidade e precariedade do ambiente, tão envolvente e bizarro, para dentro dos personagens: o diabo “[...] vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos

avessos”. Atormentado por essa presença *maldita* que faz do sertão um território ainda mais dilacerador e hostil, impossível de escapar porque não se restringe ao espaço exterior, mas penetra e se instala no âmago dos homens, Riobaldo procura meios para exorcizá-la de seu discurso por um recurso à racionalidade, implícito à escolha de seu interlocutor.

Dentre os personagens próprios a esse contexto sufocante e medonho, onde “[...] os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade”, Riobaldo não consegue encontrar nenhum cuja opinião tenha autoridade suficiente para livrá-lo de uma vez por todas de sua imperiosa preocupação acerca da veracidade do pacto suposto. Isso porque, pertencer ao sertão já é estar implicado, em maior ou menor medida, nos sortilégios do demo. Além disso, o protagonista-narrador, por sua condição atípica de jagunço-letrado, ocupa uma posição privilegiada em relação aos seus pares: sua instrução lhe permite meditar com profundidade sobre a existência do diabo e questionar a participação dessa entidade maléfica na realização dos fatos humanos. Assim se justifica a escolha de um interlocutor douto e urbano, símbolo da tradição racional cujo reino supostamente poderia fornecer-lhe abrigo em relação aos perigos demoníacos. Entretanto, em oposição às certezas e garantias buscadas pelo narrador no terreno da racionalidade vemos fortalecerem-se as ambigüidades na matéria-narrada pelo surgimento/ressurgimento do diabo. Dessas ambigüidades resultam a ampliação e a intensificação dos conflitos desenvolvidos no sertão.

Narrando sua experiência pelo sertão, Riobaldo procura negar o incerto pacto tratado com o diabo nas *Veredas-Mortas* (*Veredas-Altas?*) às vésperas de se tornar o grande chefe Urutu-Branco, e do combate final que decretará o fim de Diadorim e do Hermógenes. Apesar disso, no espaço labiríntico de sua narrativa, o componente infernal funciona enquanto alegoria da negatividade em estado puro, capaz de escapar a qualquer tentativa de apreensão conceitual, tal

como nos relembra a todo o momento o bordão da história: “... *o Diabo na rua no meio do redemunho...*”.

Ao final das muitas aventuras que compõem o romance temos certeza de que ali, no remoto território-sertão narrado por Riobaldo, onde a lei é feita conforme a necessidade, nos campos-gerais dominados pelos grandes chefes jagunços como Joca Ramiro e Medeiro Vaz, o diabo tem licença para circular e atuar livremente misturando-se a tudo e a todos: “Arre, ele está misturado em tudo”.

Esse fato, central para a construção da narrativa, retira sua força expressiva não somente da experiência pessoal do protagonista-narrador, mas também de várias das micro-histórias que compõem o GSV. Desde sua abertura até o seu desfecho, são inúmeras as referências ao diabo. Já no primeiro trecho da narrativa encontraremos o episódio do bezerro branco, *erroso*, deformado de nascimento e cujo aspecto remetia a algo incerto, situado entre o humano e o animal: “cara de gente, cara de cão: determinaram - era o demo”. Em consequência de sua fisionomia deformada, mas sobretudo por ela ter sido interpretada como o resultado de uma fusão diabólica entre o humano e o bestial, subversão completa do natural, o animal teve que ser morto. E é bem possível que esse ímpeto tão imperativo de aniquilá-lo tenha sido motivado justamente pela necessidade de se banir toda e qualquer referência ao demo, ainda que para isso tenha sido necessário proceder diabolicamente, sem nenhuma piedade ou misericórdia. Entretanto, Riobaldo adverte seu interlocutor para o fracasso dessa tentativa que procura negar o elemento infernal, pois segundo ele nos informa: “quem muito se evita, se convive”. Baseado em sua experiência pessoal, Riobaldo parece estar ciente de que tentar encobrir o demo já é, em si mesmo, invocar sua presença. Apesar da certeza de que negar o diabo já é estar enredado pelas suas escuras sutilezas, fica sugerida sua tentativa de exorcizar o mal pelo recurso à luminosidade racional.

A força do sertão

Apesar do esforço empreendido por Riobaldo na tentativa de encontrar argumentos racionais para explicar sua misteriosa experiência no sertão, o acosso do demônio reafirma para ele, e também para o(s) seu(s) interlocutor(es), os limites da luminosidade da razão, já que, contra as luzes do projeto racional se sobrepõe, no GSV, a obscura figura do diabo. Por esse motivo, a estrutura da matéria narrada se encaminha gradativamente para a construção de uma concepção de homem e de mundo vertiginosamente dinâmicos e provisórios. No território-sertão, onde predomina a violência de uma realidade irremediavelmente imprevisível, por maior que seja a luminosidade pretendida pela razão, sua luz terá sempre uma existência precária e dificilmente obtida diante das trevas. Ali não há mais do que lampejos de claridade, totalmente fadados a desaparecer diante do domínio invencível das trevas. A razão e a verdade, buscadas por Riobaldo enquanto expectativa de um mundo ordenado e racional, livre das sombras demoníacas, revelaram-se demasiado precárias e transitórias.

No lugar-sertão a razão encontra-se limitada pela força desse ambiente inexorável. Nos *gerais sem tamanho*, a real condição humana, “de mil-e-tantas misérias”, submetida ao tempo destruidor, à doença e às atrocidades de um espaço terrivelmente hostil, se sobrepõe violentamente a qualquer ideal artificial de racionalidade. Disso decorre que o esforço de lucidez empreendido por Riobaldo esteja em tensão permanente com sua incapacidade de administrar sua sorte. Envolvido por esse ambiente sufocante, por mais que tente, por mais aparelhado que esteja dada a sua condição atípica de jagunço-letrado, Riobaldo não será capaz de livrar-se da predestinação. Apesar de ter alcançado o posto mais elevado na hierarquia do cangaço ele afirma de passagem a seu interlocutor: “[...] o ‘Urutu-Branco’? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino”. É certo que sua sorte vai sendo traçada em consequência de suas escolhas, entretanto tais escolhas o encaminham sempre para um

caminho distinto daquele que ele parecia ter previsto ou desejado. Por essa razão, toda a sua narrativa favorece ao argumento de que ele, Riobaldo, foi verdadeiramente enredado pelo destino, levado pela vida à revelia de sua própria vontade, pois conforme Antonio Candido nos diz: “O sertão transforma em jagunços os homens livres, que repudiam a canga e se redimem porque pagam com a vida, jogada a cada instante”.

Para o ex-jagunço e narrador, o destino possui uma força implacável que faz dele um ser incapaz de levar a cabo suas próprias intenções: conduzido misteriosamente aos encontros que determinarão sua sorte ele se verá sempre empurrado para realização, ainda que inconscientemente, desse imperativo misterioso que se revela ser sempre mais forte do que a sua vontade. Em consequência desse fato, ele verá seus objetivos reiteradamente frustrados. (Des)encaminhado por essa poderosa força que o atrai, e seguindo as determinações de sua predestinação, Riobaldo se tornará jagunço por sua condição atípica de sertanejo letrado; se ajagunçeará na tentativa de fugir do cangaço; negando o diabo é que o pacto ganhará para ele sua estranha eficácia etc.

Sua angústia e seu dilaceramento constantes se devem, entre outros motivos, à potência desse destino que, segundo seu relato, o encaminha sempre às cegas para realização de sua fortuna ao mesmo tempo fasta e nefasta. Riobaldo está, repetidas vezes, confrontado com o descompasso que existe entre o seu querer e a sua capacidade para realizar o pretendido, já que seu destino é, segundo ele um “destino preso”, e por isso ele acaba não encontrando condições para seguir os caminhos de suas escolhas. Narrando sua história para seu interlocutor, Riobaldo pontua, a cada nova seqüência narrada, a dificuldade de seguir livremente sua vontade. Seus desejos e aspirações até chegam a se realizar, mas sempre de maneira bastante diversa daquelas previstas por ele, que diz: “Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na

idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mais vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?”.

Sob as insígnias da repetição, Riobaldo será conduzido às cegas para a realização predestinada de sua sorte. Realizará aquilo que ele afirma evitar e, atormentado pela força insuperável de seu destino, ele será enredado para a consecução de sua tragédia pessoal. Ele mesmo é quem nos diz: “Mas eu sempre fui um fugidor. Ao que fugi até da precisão da fuga”. E as fugas repetidas ao longo da narrativa solidarizam com a tese de que é o destino que o encaminha às cegas para a realização sempre inconsciente de sua sorte.

Os nexos tortuosos do destino

Fugindo, ele se mantém ainda mais distante da resolução dos problemas que perpassam sua narrativa, o que torna a matéria narrada extremamente mais complexa. Walnice Galvão afirmará inclusive que o destino de Riobaldo é permeado pela ambigüidade porque se define sempre em “[...] nexos tortuosos”, pois é fugindo que ele se verá encaminhado para os encontros que decidirão seu futuro.

Após a morte da mãe, a Bigri, Riobaldo é acolhido por Selorico Mendes que, em decorrência de seu interesse pelo cangaço e pelas histórias dos grandes jagunços, fará com que ele seja iniciado nas letras para poder reconhecer, no bilhete deixado por um jagunço de tempos idos, uma marca da relação do padrinho com o cangaço. Esse evento o encaminhará para um contato ainda mais direto com a jagunçagem: é por sua capacidade intelectual e *didática* que ele será enviado por Mestre Lucas – após a fuga motivada pela descoberta de que ele era, na verdade, o filho ilegítimo de seu *padrinho* (Selorico Mendes) – para a instrução do chefe cangaceiro Zé Bebelo, de quem ele foi o *Professor*. Paradoxalmente, nos diz Walnice Galvão, “pensando que ia

para a tarefa de paz e de letrado, [Riobaldo] vai acabar caindo no cangaço”. Fugindo, ele pisa o terreno do cangaço e, no momento seguinte, já em meio à guerra ele se verá novamente empreendendo fuga.

Fugir reiteradamente de sua fortuna para realizá-la pelo avesso concerne à própria matriz da experiência de Riobaldo no sertão. Suas repetidas fugas encenam o fracasso de sua vontade ante os imperativos impostos pela predestinação que o atrai irresistivelmente. Fugindo, ele realizará aquilo que procura desesperadamente evitar. Ainda segundo Walnice Galvão, se foge, isso lhe serve apenas para que ele seja “[...] melhor apanhado pelo destino. Pois é fugindo que encontra, após tantos anos, o Menino, agora adulto; vai predominar o jagunço, as letras abandonadas; daí em diante se desenvolve sua carreira de jagunço”.

Negando sua filiação bastarda, ou o ambíguo pacto com o diabo, ou ainda o amor por seu semelhante companheiro em armas (Diadorim), Riobaldo será conduzido à realização de sua fortuna à revelia de sua própria vontade. À questão proposta acerca das vias alternativas que talvez pudessem encaminhá-lo para uma outra sorte ele conclui: “Ah, se não fosse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte? Coisa vã, que não conforma respostas”.

O destino é uma das marcas da determinação que há no sertão. No lugar-sertão não é permitida muita ousadia. Não há ali muito espaço para a liberdade de escolha já que a preocupação mais urgente é a vida, sustentada por um fio muito tênue nesse ambiente duplamente hostil: sem lei formal para regular os excessos dos ímpetos humanos; e de natureza tão inóspita. No sertão, viver é sempre um empreendimento muito perigoso: “O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado”.

A vida, em si mesma, só consegue ser mantida por meio de lutas constantes: no interior desse universo tenso e dinâmico que é o sertão, tudo o que é vivo deve lutar para conseguir durar

um pouco mais. O sertão é uma máquina implacável. Marca disso é a condição do homem do sertão, a condição jagunça: “jagunço é isso. Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final”. Ser jagunço se conforma basicamente à satisfação das necessidades mais primitivas e com isso exclui do rol dos seus interesses, por motivos óbvios, o questionamento das grandes questões existenciais. Mas Riobaldo é diferente e por isso mesmo criticará a opinião de um dos seus companheiros de cangaço: “[...] Jõe Bexiguento não se importava. Duro homem jagunço ele no cerne era, a idéia dele era curta, não variava. – “Nasci assim. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jaguncêio...” – ele falasse. Tudo poitava simples. Então – eu pensei – por que era que eu também não podia ser assim como o Jõe? Porque, veja o senhor o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo – as coisas eram bem divididas, separadas. – “De Deus? Do demo?” – foi o respondido por ele – “Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta... [...]”.

O ser, a existência, a essência para o jagunço tal e qual nada podem querer dizer, Riobaldo é quem o declara: “*Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero bom jagunço...*”. Por seu interesse permanente em relação aos enigmas da existência e do universo, Riobaldo recusará a identificação completa com a imagem estigmatizada do jagunço: “A verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para aquilo, de ser sempre jagunço não gostava”. Apesar de manifestar-se contra a identificação com o protótipo do jagunço, é justamente para esse caminho que ele acaba se dirigindo. E não se dirige apenas para a vida no cangaço, mas para a liderança do bando. Herdada a sina de homem do cangaço, predestinado para a guerra, o que mais aflige Riobaldo é a certeza de que, o simples fato de ser jagunço, revela que ele não detém as rédeas da própria vida: “O que era isso, que a desordem da vida podia sempre mais do que a gente? Adjaz que me aconformar com aquilo eu não queria, descido na inferneira. Carecia de que

tudo aquilo esbarrasse, momental meu, para se ter um recomeço. E isso era. Pela última vez, pelas últimas. Eu queria a minha vida própria, por meu querer governada”.

No mundo misturado do sertão, no universo em que a lei vigente colide de maneira inevitável com a da cidade, no território amplamente infiltrado pelo diabo, Riobaldo narra sua história na tentativa de exorcizar dela a presença maligna. Somente por meio desse procedimento ele acredita ser possível desatar os nós do destino que decidem seus caminhos negligenciando as inclinações de sua própria vontade. O ex-jagunço pretende tomar as rédeas da própria sorte, desvencilhando-se de uma vez por todas do automatismo imposto pela predestinação.

Atormentado pela constatação dos nexos terrivelmente tortuosos de seu destino, sabedor que é de sua condição de sujeição a essa força que ele considera implacável e temendo que sua fortuna tivesse lhe reservado um fim ainda mais trágico ele decide escapar. Mas é fugindo desse destino considerado nefasto que ele realizará sua tragédia pessoal. Tal como ocorre ao Édipo, a ação realizada com objetivo de escapar é o motor para que ele caia em desgraça. Seguindo o protótipo grego, é o próprio Riobaldo que se lança, por sua vontade, a esse destino que ele considera irresistível. Ele age por sua própria vontade, ainda que isso se realize inconscientemente. Enredado por suas próprias projeções é que ele se converte em suporte ontológico para o vulto infernal.

Somente depois de ter dado o passo decisivo alienando sua própria vontade ao tornar-se pactário é que ele estará preparado para aniquilar os traidores de Joca Ramiro, Hermógenes e Ricardão. Ao mesmo tempo, o pacto estratégico que permite a Riobaldo executar as grandes empreitas nas quais fracassaram até mesmo os maiores dentre os chefes jagunços, instaura uma dívida simbólica entre o protagonista-narrador e o demônio que ele acredita ter sido paga com a morte de Diadorim.

Diante da constatação de um mundo sobre o qual ele acredita não ter o menor controle, imerso nesse espaço desgovernado que é o sertão, Riobaldo nos revela uma visão de homem permanentemente desorientado e impotente frente ao caos que, por mostrar-se infinitamente superior às suas forças, sem qualquer dificuldade consegue arrastá-lo para o olho do redemoinho. Desorientado e impotente, o jagunço Riobaldo somente pôde reconhecer o braço impiedoso de *moira* no momento seguinte à realização de seu maior infortúnio: a revelação de que Diadorim era, na verdade, a bela donzela Maria Deodorina de Fé Bettancourt Marins, filha disfarçada de Joca Ramiro: morta e irremediavelmente perdida.

Seguindo o protótipo inventado pelos gregos ele produz inconscientemente, mas pelas próprias mãos, a sua tragédia pessoal: fugindo, ele se verá reiteradamente empurrado para a realização desse destino terrível, porque ele lhe é, absolutamente necessário. Se chega a compreender que acabou realizando algo totalmente diferente daquilo que acreditava fazer, ele somente o faz algum tempo depois, tarde demais, quando já não há mais remédio. No presente da narrativa, confrontado com seus próprios atos, meditando sobre suas escolhas e sobre as suas infelizes conseqüências, atormentado pela necessidade de encontrar um sentido para essa multidão de acontecimentos confusos que insistem em não se explicar racionalmente, Riobaldo nos revela a dimensão trágica de sua experiência no sertão: convocado à ação como forma de livrar-se desse destino terrível que se anuncia, ele se decide e escolhe o que lhe parece melhor. Mas, tal como nos diz Pierre Vernant acerca dos gregos, “[...] ao fazer essa opção ele irá [...] se autodestruir. Pois seu ato -seu pequeno ato- irá assumir um sentido completamente diferente do que imaginara e se voltará contra ele [...]. Esse homem, que acreditava agir bem, vai aparecer como um monstro ou um criminoso”.

Em entrevista a Günter Lorenz Rosa dirá que “[...] Riobaldo é algo assim como Raskolnikov, mas um Raskolnikov sem culpa, e que entretanto deve expiá-la”. Ao contrário do que ocorre com Raskolnikov (envolvido objetivamente nos assassinatos), Riobaldo, ainda que não encontre motivos materiais que atestem sua participação objetiva na morte de Diadorim, acredita na possibilidade de que ela esteja articulada ao pagamento da dívida com o *Cujo*. Riobaldo toma para si, por intermédio do pacto com o *cão*, a responsabilidade por aquilo que poderia ser atribuído ao simples acaso ou a esse destino contingente e sem qualquer razão de ser. A angústia experimentada diante da constatação da falta de sentido para a vida, assim como a falta de explicação para o episódio da morte de Diadorim, fazem da dívida com o diabo uma possibilidade de estabelecer um nexos: Diadorim morre em decorrência da dívida instaurada pelo pacto suposto. Juntamente com essa dívida surge a necessidade de expiá-la, recorrendo às religiões e à razão: expiar uma culpa que ele não tem, mas que ele toma para si como sua, é a difícil missão que pesa sobre o ex-jagunço narrador que, sem culpa para redimir, encontra-se permanentemente assombrado pelo vulto de sua possibilidade.

Segundo Antonio Candido, no universo rosiano do GSV, “[...] a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe”. Baixando até os rincões mais profundos da subjetividade, o ex-jagunço Riobaldo, desde os confins do sertão, nos ensina sobre a potência avassaladora desse destino medonho e inexplicável que o arrasta, e que concerne à própria matriz da experiência humana. Em sua narrativa angustiada está materializada a ambígua relação do homem com os seus atos, o confronto reiterado com suas contradições, assim como a impossibilidade de evitar, pelo artifício da fuga, aquilo que se teme. Em suma, o que Riobaldo nos ensina é que a existência é algo terrível, e que os enigmas verdadeiramente insolúveis da existência humana seduzem e empurram

o homem para o território de sua própria perdição, já que a ele falta, fundamentalmente, o conhecimento pleno de si.

Se aceitarmos a premissa de que o sertão é o mundo (que corresponde menos aquele que chamamos objetivo e que podemos, se quisermos, compor cartografias, do que ao mundo interior pertencente ao registro da subjetividade), e também se admitirmos que a experiência narrada por Riobaldo no GSV é um campo privilegiado para a reflexão sobre os motivos que norteiam nossa conduta e aquilo que chamamos de vontade, resta a nós, seus virtuais interlocutores, sermos sensíveis às ressonâncias que uma obra prima desse porte pode produzir em nossa imaginação.